



## MODALIDADES MIGRATÓRIAS INTERNACIONAIS: DA DIVERSIDADE DOS FLUXOS ÀS NOVAS EXIGÊNCIAS CONCEITUAIS

Gisele Maria Ribeiro de Almeida  
Rosana Baeninger

O século 21 anuncia o cenário da mobilidade. Mercadorias, informações e pessoas deslocam-se pelo globo de tal forma, que categorias como espaço e tempo estão recebendo novos significados. Apesar do maior controle nas fronteiras, principalmente nos países mais desenvolvidos, os fluxos internacionais de pessoas têm se intensificado, assim como os tipos de mobilidade também aumentaram:

As novas modalidades migratórias demandam, no cenário da globalização, a necessidade de reavaliação dos paradigmas para o conhecimento e o entendimento das migrações internacionais no mundo, e a incorporação de novas dimensões explicativas torna-se imprescindível, assim como a própria definição do fenômeno migratório deve ser revista (PATARRA, 2006: p. 7).

Este estudo se coloca diante desta exigência, discutindo aspectos que têm corroborado para as insuficiências teóricas e para os limites conceituais encontrados pelos pesquisadores da área. Essa argumentação será estruturada em três partes. Em primeiro lugar, a migração como objeto de pesquisa e as teorias relacionadas serão examinadas considerando o debate teórico que reconhece os limites explicativos das abordagens clássicas e apontam para perspectivas analíticas que permitem certos avanços. A reflexão envolve orientações metodológicas para os novos modelos teóricos, que oferecem melhores resultados quando partem de abordagens conciliatórias das perspectivas micro e macro estruturais da realidade social. Essa tarefa de reformulação teórica precisa também operar com os efeitos das novas relações espaciais e temporais na experiência migratória.

Em seguida, na segunda parte do texto, a dimensão conceitual é o foco da discussão que mostra a premência de se repensar a própria definição de migração. Essa tarefa é resultado de transformações radicais nas formas com as quais os indivíduos usam os espaços e edificam os territórios de pertencimento nas diversas formas de mobilidade. Diante desse cenário, novos

conceitos foram forjados - como campo migratório e comunidades transnacionais, apenas para dar alguns exemplos - dada à necessidade de compreender os processos e as dinâmicas que se associam aos deslocamentos internacionais contemporâneos.

Na terceira parte do texto são abordados os impactos de uma época marcada pela lógica da mobilidade sobre os tipos e as formas dos deslocamentos humanos. Uma consequência clara deste processo é a presença concomitante de tipos distintos de migração e de migrante, aspecto que aponta para a relevância da construção de tipologias. Uma evidência da complexidade em questão é que a fronteira entre a chamada migração forçada e a migração voluntária de trabalhadores com baixa qualificação mostra-se cada vez mais tênue hoje em dia (WENDEN, 2001). Revela-se desta forma, a importância que os critérios classificatórios assumem nos estudos contemporâneos.

### **Migração internacional contemporânea: novas questões e exigências teóricas**

As pesquisas e os estudos sobre as migrações internacionais estruturam suas reflexões de formas distintas, demonstrando a inclinação dos autores por diferentes correntes teóricas e opções metodológicas. Além disso, os “recortes” de pesquisa tendem a valorizar aqueles aspectos que são mais concernentes aos interesses específicos da disciplina na qual a investigação se insere.

[...] a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico; [...] ele [o espaço] é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente [...]. Cada uma dessas especificações e cada uma das variações dessas mesmas especificações podem ser objeto de uma ciência particular (SAYAD, 1998, p. 15).

Esse é uma característica importante dos estudos migratórios, dado seu caráter de “fato social completo”<sup>1</sup>, pois para Sayad, “falar da imigração é falar da sociedade como um todo” (SAYAD, 1998: p.16). Isso faz da migração um tema de pesquisa compartilhado entre várias disciplinas vinculadas às Ciências Sociais e às Ciências Humanas e, como apontam Brettell e Hollifield (2000), essas diversas disciplinas podem até partilhar esse objeto, mas não necessariamente os paradigmas e os referenciais do fazer científico, dando ensejo a certos confrontos teóricos. Outro problema deste caráter inter e transdisciplinar, como os referidos autores argumentam, é uma tendência à produção de análises fragmentadas, em função das perspectivas que definem o campo disciplinar do conhecimento (ver quadro abaixo). O objeto de estudo – migrações internacionais – requer um olhar interdisciplinar para apreendermos sua complexidade e, ao mesmo tempo, sua especificidade.

As análises disciplinares acima indicadas por Brettell e Hollifield (2000) estão também datadas historicamente; a complexidade das migrações internacionais no século 21 requer o olhar atento às interações do fenômeno social. Ainda que se preservem os “recortes” disciplinares – mas não necessariamente os mesmos problemas de pesquisa, as mesmas perspectivas teóricas ou os mesmos modelos de hipóteses - como ponto de partida para a construção do objeto de estudo, a questão interdisciplinar é inerente às explicações e conhecimento científica das migrações internacionais. Se a migração é um “fato social completo” e o pesquisador aceita o limite da capacidade de apreensão da realidade social pela Ciência (WEBER, 1986), a questão

<sup>1</sup> Importante dizer que apesar de Sayad não fazer referência explícita ao autor, o conceito de fato social total foi formulado pelo antropólogo Marcel Mauss, em seu texto clássico “Ensaio sobre a dádiva” (MAUSS, 2003).

**QUADRO 1. Teorias Migratórias através das disciplinas segundo Brettell e Hollifield (2000)**

Disciplina	Problemas de Pesquisa	Nível/Unidade de Análise	Teorias dominantes	Modelo de hipótese
Antropologia	Como a imigração influencia a mudança cultural e a identidade étnica?	micro/indivíduos, famílias, grupos	relativista ou estruturalistas e transnacional	As redes sociais ajudam a manter as especificidades culturais
Demografia	Como a imigração afeta a mudança populacional?	macro/população	racionalista/interface com a economia	A imigração aumenta a taxa de natalidade
Economia	Como explicar a propensão à migração e seus efeitos?	macro/individual	racionalista/custo-benefício atração-repulsão	A incorporação do imigrante depende de seu capital humano
História	Como compreender a experiência do imigrante?	micro/indivíduos e grupos	sem hipóteses-teste	não se aplica
Direito	Como a legislação influencia a imigração?	macro e micro/política e o sistema legal	institucionalista e racionalista/ciências sociais	Direitos criados incentivam estruturas para imigrantes
Ciência Política	Por que os Estados têm dificuldades para controlar a imigração?	macro/política e sistema internacional	institucionalista e racionalista	Estados são capturados por interesses pró-imigração
Sociologia	Como se explica a integração do imigrante?	macro/grupos étnicos e classes sociais	estruturalista e/ou funcionalista	A incorporação do imigrante depende do capital social

Fonte: BRETTELL e HOLLIFIELD, 2000, p.3.

passa a ser então incorporar essa dificuldade de forma consciente e explícita na pesquisa, definindo as dimensões a serem incorporadas para a análise do fenômeno migratório. No caso dos processos migratórios internacionais, esse desafio teórico passa pela tarefa de compreender a sociedade de origem e de destino, bem como das relações que se estabelecem entre elas de forma articulada, quer seja na antropologia, na sociologia, na demografia, na história, na ciência política.

É preciso reconhecer o agente que se desloca no espaço e no tempo e o contexto deste deslocamento. Em trabalho clássico e que incorpora as interseções entre origem e destino, Singer (1973) propõe a identificação dos fatores que causam as migrações e daqueles que as motivam. As causas da migração para este autor devem primeiramente ser buscadas na origem, nos fatores de expulsão, que tornam outras localidades atrativas. Estes fatores são gerados pelas transformações erigidas pelo desenvolvimento das forças produtivas que demandam, como contrapartida necessária, novas relações sociais de produção. As condições objetivas que engendram fluxos migratórios manifestam-se, de acordo com o argumento do autor, em um amplo espaço territorial, que afeta um grande número de indivíduos, de forma a torná-los “migrantes em potencial”. Porém, essa potencialidade não repercute em deslocamentos necessariamente, o que permite supor a existência de uma seleção na forma como certos fatores e condições macroestruturais incidem no nível das relações familiares e das particularidades individuais. É neste ponto que - mesmo partindo de uma perspectiva histórico-estrutural como a de Singer - se pode reivindicar o “papel” do agente individual numa teoria migratória.

Isso porque a migração, ainda mais a migração internacional, está sempre associada a “mecanismos de seleção”, resultado de um processo que se desprende do cruzamento das condições de origem e de destino, ligação que se articula, por sua vez, às possibilidades individuais. Essa questão está explicitamente discutida em Lee (1980), para quem os fatores envolvidos na decisão de migrar estão na origem, no destino, nos obstáculos intervenientes e

nos fatores pessoais. Ao considerar as causas na origem, identifica-se um ou mais grupos sociais que são os “potenciais migrantes”, mas nem todos estes indivíduos experimentam da mesma forma os processos que “causam” a migração (LEE, 1980). Por isso, é apenas pelo destino que se incorpora a seletividade migratória, cuja análise revela a maior dispersão no “comportamento típico do grupo”, na medida em que aí se colocam aspectos como conhecimento sobre a área de destino, etapa do ciclo vital, distância, inserção em determinadas redes sociais, entre outros.

Essa interposição entre as “causas” e os “motivos” relacionados a um determinado fluxo migratório permite uma compreensão mais elaborada da migração, entendida como um processo social. Conciliar as “causas” e os “motivos” que explicam os fluxos é uma forma de operacionalizar uma harmonização entre os condicionantes macro e microestruturais. Essa tentativa de conciliação entre ação e estrutura se coloca como tendência na teoria sociológica contemporânea. Segundo Alexander (1987), o “novo movimento teórico” da Sociologia orienta-se em busca de uma síntese, depois de uma época marcada pela emergência de propostas marcadamente unilaterais, com correntes teóricas que enfatizavam a microteoria e perspectivas que valorizavam as determinações estruturais.

As teorias migratórias parecem seguir esse pêndulo, buscando também um “link macro-micro” (MASSEY *et al*, 1987; FAIST, 2000), ainda que a maior parte destas teorias priorize as dimensões macro-estruturais<sup>2</sup>.

As abordagens teóricas clássicas mais difundidas partem dos desequilíbrios nos níveis salariais e de emprego, ou ainda de que os agentes buscam maximizar seus ganhos com base em decisões racionais. Todas estas perspectivas, em maior ou menor grau, supervalorizam os efeitos da estrutura econômica, que determinam condições objetivas e criam prerrogativas que induzem à migração. Se as teorias migratórias estão em “crise”, pela perda de suas capacidades explicativas frente à mobilidade internacional contemporânea (SASSEN, 1993; MASSEY *et al*, 1998; CORTÈS e FARET, 2009), é fundamental refletir sobre seus pressupostos.

A operacionalização destas teorias, que partem das condições econômicas e das motivações materiais para explicar os fluxos, tende a gerar leituras simplificadas do fenômeno. Como argumentam Massey *et al* (1998), as intempéries vividas por aqueles que estão dispostos a entrar ilegalmente nos EUA, não seriam aceitas se o que estivesse em jogo fosse “apenas” um salário maior<sup>3</sup>.

Com o objetivo de aumentar a capacidade explicativa das teorias, alguns autores começaram a ressaltar o peso dos aspectos micro-estruturais. No bojo deste “novo movimento teórico” dos estudos migratórios, o referencial das chamadas redes sociais ganhou visibilidade e tem sido utilizado como uma possibilidade de incorporação da dimensão micro. Importante destacar que maiores ganhos analíticos advêm quando a valorização do papel das micro-estruturas não significa desconsideração da dimensão macro-estrutural.

Além da relativa autonomia dos fluxos migratórios frente aos ciclos econômicos<sup>4</sup> e do aparecimento de novas modalidades migratórias e de circulação, os chamados fatores de atração e repulsão assumem sentidos mais imprecisos. Wenden (2001) argumenta inclusive que atualmente a dimensão da “atração” é mais relevante para a migração internacional

<sup>2</sup> Como demonstrou Soares (2004) estas teorias são: a) a teoria da atração e expulsão, b) os referenciais neoclássicos, c) as análises teóricas histórico-estruturais, d) a tese da mobilidade da força de trabalho, e) a teoria do mercado dual de trabalho e, f) a teoria dos sistemas mundiais.

<sup>3</sup> Outra evidência que serve para questionar essas abordagens, é que empiricamente não se verifica maiores taxas de emigração nos países mais pobres, o que enfraquece o argumento de que falta de emprego e baixos salários promovam a migração internacional (MASSEY *et al*, 1998 e PORTES, 1999).

<sup>4</sup> Apenas como exemplo, há o caso da Coreia do Sul, que apesar de elevados índices de crescimento econômico e emprego, registrou um forte fluxo emigratório para os EUA (SASSEN, 1993).

contemporânea, e destaca o papel de um “imaginário migratório” que seria alimentado por meios de comunicação, bens e produtos. Sejam as expectativas e desejos de consumo, como aponta Portes (1999), seja o mito do eldorado ocidental ou do Estado Providência conforme destacado por Wenden (2001), estes autores estão sugerindo que as perspectivas subjetivas devem ser mais valorizadas na compreensão da migração (MASSEY et al, 1998; SASSEN, 2010).

Essa ideia de que fatores de atração e repulsão complexificaram-se é perceptível ainda pela adoção de políticas migratórias restritivas por parte dos países que apresentam os melhores salários e/ou maior crescimento econômico. Essa é uma grande distinção em relação ao pós 2<sup>a</sup> Guerra Mundial<sup>5</sup>, atualmente a política migratória dos países não pode mais ser um interesse exclusivo de pesquisas realizadas no âmbito jurídico/institucional, pois agora estas políticas impactam diretamente os fluxos internacionais.

(...) a imposição de limites quantitativos e qualitativos sobre a entrada [de estrangeiros] cria diferentes categorias de imigrantes com características especificamente selecionadas, que ao final ocupam posições distintas na estrutura sócio-econômica da sociedade de acolhimento: os imigrantes legais, imigrantes ilegais, refugiados, asilados, estudantes, estagiários, executivos e trabalhadores “temporários” (MASSEY et al, 1998: 13)<sup>6</sup>.

Estas diferentes “categorias” de migrantes remetem a um aspecto fundamental no entendimento dos fluxos internacionais atuais: a atuação das redes transnacionais. Como os tipos de migrantes posicionam-se distintamente na estrutura socioeconômica, suas redes sociais refletem isso, na medida em que são metáforas das relações e interações humanas e se fazem em função do pertencimento a círculos sociais, que têm natureza, extensão e estrutura distintas (DEGENNE, 1983).

É por isso que os conceitos de capital social e capital cultural (BOURDIEU, 1989 e 1998) constituem-se em chaves analíticas capazes de orientar a discussão de como atributos sociais e culturais, herdados e conquistados, pelos indivíduos se articulam às possibilidades e limites que se manifestam a partir da rede, através de recursos que na prática podem promover ou obstruir os percursos individuais em certos sentidos (RYAN *et al*, 2008; EREL, 2010).

As potencialidades das redes transnacionais são catalisadas diante da globalização, impactando as formas de mobilidade em geral e a migração em particular. Esse cenário traz implicações para as formas de instalação e conseqüentemente para as formas de mobilidade, e repercute naquilo que definimos como migração e migrante. As “novas” teorias precisam enfrentar as questões que a realidade empírica tem colocado. Como pergunta Faist (2000), por que há poucos migrantes de muitos lugares e muitos migrantes de poucos lugares? Questões que não são respondidas pela redução dos custos de transportes e pela maior facilidade no acesso à informação. Estas variáveis não evoluem proporcionalmente aos fluxos e nem apresentam as mesmas correlações nos diversos países. Por isso a importância do nível intermediário de análise e a consideração das redes sociais dos migrantes. No entanto, de acordo com Faist (2000), estas análises que postulam a existência das redes sociais dos migrantes e que insistem sobre sua relevância para o fluxo, trouxeram à luz importantes aspectos do fenômeno migratório, mas ainda não respondem como estas redes se formam e nem como elas funcionam.

<sup>5</sup> Em função da carência de mão de obra na Europa e nos Estados Unidos foram estimulados tanto fluxos espontâneos como os fluxos dirigidos pelos governos como os Guest Work Programs, implementados na Alemanha, França e Suíça, e o Bracero Program dos EUA (SALES, 1992).

<sup>6</sup> Tradução livre. No original: “The imposition of qualitative and quantitative limits on entry creates different classes of migrants with differently selected traits who ultimately occupy different positions in the socio-economic structure of the receiving society: legal immigrants, undocumented migrants, refugees, asylees, students, trainees, business executives, and ‘temporary’ workers” (MASSEY et al, 1998: 13).

Estes parecem ser aspectos importantes que se apresentam como parte dos desafios teóricos a serem superados. Além destas orientações de cunho mais metodológico, as novas teorias exigem também reformulações conceituais. Na próxima seção deste artigo, o foco da reflexão está nas repercussões que as novas formas de mobilidade trazem para a definição de migração, principalmente pelas alterações radicais nas formas de presença e ausência dos indivíduos. Além disso, há a maior diversificação dos fluxos, de acordo com os tipos e as naturezas dos deslocamentos, mesmo que nem todos os deslocamentos configurem migrações, isso não significa que os estudos migratórios possam ignorá-los.

### **Migração e mobilidade internacional: percursos, instalação e circulação**

Há uma concepção de migração, bastante questionável atualmente, mas ao mesmo tempo usual, que apreende a migração como resultado de uma mudança definitiva de residência. Assim entendida, uma migração internacional ocorre quando esse deslocamento envolve a passagem de uma fronteira nacional.

No entanto, os percursos dos migrantes e os novos espaços de circulação assumem na realidade atual uma complexidade muito maior, demandando dos pesquisadores a formulação de novos conceitos, entre os quais: campo e espaço migratório, circulação, sistemas migratórios, etc. (SIMON, 2002). Diante deste cenário, a análise de fluxos e estoques de migração internacional certamente beneficia-se destes contornos conceituais, mais aptos para captar a maior diversidade e complexidade das formas de mobilidade. Nos estudos sobre fluxos internacionais contemporâneos, a desconsideração desta multiplicidade nas formas e dinâmicas dos deslocamentos implica prejuízos significativos à análise.

Começando com o próprio conceito de migração, defini-lo como mudança definitiva de residência é demasiadamente restritivo, dada a dificuldade em se classificar os deslocamentos como temporário ou definitivo; as trajetórias migratórias e as durações dos deslocamentos estão muito mais matizadas. Além disso, a própria definição de residência pode ser problematizada, dado que o lugar de residência de um indivíduo depende de sua percepção subjetiva, do sentimento de pertencimento e de apropriação espacial, e nem sempre o “seu” lugar de residência coincide com o espaço geográfico no qual ele vive. Isso é ainda mais verdade com o uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), que permitem a vivência da experiência migratória sem grandes rupturas com a sociedade de origem, ao viabilizar uma co-presença, estar “lá e cá” simultaneamente (DIMINESCU, 2009).

Afora estas dificuldades, o pressuposto oculto de que o indivíduo tem uma única residência também é frágil (DOMENACH e PICOUET, 1996). Se as formas de mobilidade são mais difusas tanto no tempo como no espaço, o critério “lugar de residência base” como fundamento do fenômeno migratório perde sua força analítica. Tanto que para Courgeau (1988), o conceito de residência é útil para recenseamentos que buscam determinar a população residente de um local, mas pouco serve aos objetivos de analisar a mobilidade e as estadas temporárias.

Não é possível, ainda de acordo com Courgeau, traçar uma fronteira clara entre o que é uma mobilidade temporária do que é uma migração, e por isso, sua recomendação é compreendê-las simultaneamente. Para dar conta desta tarefa, não é suficiente associar, em cada período de observação, o indivíduo a um único local, deve-se pensar o indivíduo como parte de um grupo, e não mais de forma isolada, e desta forma constituir o seu chamado *espaço de vida*, definindo-o como a porção do espaço onde os indivíduos realizam suas atividades (COURGEAU, 1988).

Esse espaço engloba não apenas os lugares de passagem e de permanência, mas igualmente todos os outros lugares com os quais o indivíduo se relaciona ainda que, como aponta Courgeau, seja de forma não presencial. O mapeamento da rede de relações do indivíduo num certo momento permite que se verifique posteriormente, as transformações que eventualmente ocorram<sup>7</sup>.

Face aos objetivos da discussão aqui proposta, esse conceito é importante porque permite definir novas formas de mobilidade e servir de base para novas classificações dos deslocamentos. A noção de espaço de vida pode basear-se em critérios tais como duração, frequência e periodicidade dos deslocamentos para fundamentar o desenho de tipologias de mobilidade (DOMENACH e PICOUET, 1996).

Incorporar o espaço de vida do indivíduo permite, desta forma, apreender as trajetórias migratórias sem incorrer em simplificações. Origem e destino ganham mais nuances, e cria-se a possibilidade, principalmente no caso de pesquisas qualitativas, de contemplar os deslocamentos em toda sua diversidade<sup>8</sup>.

Em relação ao tempo, pode-se identificar os deslocamentos pendulares, os sazonais, a questão do retorno ou a reversibilidade migratória como propõem Domenach e Picouet (1990). Em relação ao espaço, a noção de espaço de vida ajuda a pensar a relação do indivíduo com os lugares de forma dinâmica, inclusive permitindo a visualização da trajetória migratória, ao permitir a identificação dos lugares de passagem, de circulação, de permanência relativa, etc.

A percepção de que o fenômeno migratório vai além da própria migração levou pesquisadores a formular os conceitos de campo migratório e de espaço migratório. As noções de campo e espaço migratório permitem ao pesquisador recompor os espaços percorridos e estruturados pelo conjunto dos fluxos relativamente estáveis e regulares dos migrantes, independentemente da origem ou do destino. Segundo Simon (2002), o aparecimento destes novos termos relaciona-se a uma insatisfação teórica frente aos conceitos de migração, fluxos migratórios e populações migrantes. Tais conceitos eram vistos como insuficientes para incorporar as relações espaciais, principalmente em função da maior complexidade dos percursos migratórios e do alargamento dos lugares de partida, de chegada, de instalação e de trânsito. Como espaço de relações dos migrantes, o conceito de campo migratório serve para suportar uma análise sobre um espaço social transnacional<sup>9</sup> estruturado pelos fluxos de migrantes de uma mesma origem, contemplando tanto o lugar de partida quanto os lugares de passagem e de instalação dos migrantes. Em sua análise sobre o campo migratório marroquino, Schaeffer (2009) oferece uma ilustração do conceito como ferramenta heurística, evidenciando a evolução e a construção do campo migratório marroquino que acabou por instituir inclusive um território circulatório.

<sup>7</sup> Do ponto de vista conceitual, a noção de espaço de vida permite combinar a passagem do tempo e a relação do indivíduo com múltiplos espaços de forma simultânea. O número dos locais que integram o espaço de vida não é fixo e varia, segundo Courgeau (1988), com a etapa do ciclo vital. Ao longo do tempo há transformações que podem alterar o espaço de vida em função: a) de uma difusão ou extensão de forma a agregar mais um ponto no espaço de vida do indivíduo, mas conservando toda a estrutura anterior; b) de um deslizamento do espaço de vida pelas alterações advindas pela introdução de novas posições e pela eliminação de outras, mas mantendo alguns locais do espaço de vida anterior; c) de uma transplantação, quando o deslizamento, pela substituição dos novos espaços, se transforma de maneira que nenhuma das posições anteriores são mantidas, resultando em uma mudança total no espaço de vida individual; e, por último, d) quando o espaço de vida sofre uma contração, com perdas de espaços anteriores.

<sup>8</sup> Segundo Domenach e Picouet (1996), levar em consideração a sucessão dos eventos migratórios na vida dos indivíduos, a natureza destes eventos e a independência ou interdependência que existem entre eles permite ao pesquisador ter uma visão dinâmica do fenômeno da mobilidade. O mais completo método para esse tipo de abordagem, para estes autores, é a análise biográfica que quando aliada à análise espacial da migração constitui-se em um aporte teórico para promover um conhecimento dos mecanismos complexos da mobilidade.

<sup>9</sup> Glick-Schiller, Basch e Blanc (1995) falam de "transmigrantes" como sendo os imigrantes cujas vidas cotidianas dependem de várias e constantes interconexões estabelecidas através das fronteiras internacionais e cujas identidades sociais relacionam-se a mais de um Estado-Nação. Apesar de "incorporados" por instituições sociais e integrando redes sociais e padrões de vida da sociedade de destino, não há uma ruptura com a origem, pois estes migrantes também mantêm fortes vínculos com a sociedade de origem.

O conceito de território circulatório foi desenvolvido por Tarrius (1996) como forma de melhor apreender os percursos que ligam os migrantes a um local de destino, mas que os mantêm atados aos lugares de onde vieram. É uma co-presença que não pára de fortalecer os traços que relacionam os pontos dos fluxos e que refletem a diversidade de temporalidades e de localizações que constituem o ato migratório.

Como as circulações envolvem não apenas os fluxos de pessoas, mas também os meios e as práticas do espaço percorrido, a partir delas institui-se de acordo com Cortès e Faret (2009): a) dinâmicas sócio-espaciais articuladas em redes; b) manutenção dos laços entre origem e destino, e; c) práticas e dispositivos adaptados as situações da condição de imigrante e às especificidades das relações sócio-espaciais nas quais se baseiam esta experiência.

Para dar conta de processos identitários e étnicos, que se desprendem da apropriação territorial (material e subjetiva) realizadas pelos migrantes é que se forjaram conceitos como diáspora e comunidade transnacional. Segundo Bruneau (2009), a diáspora existe e se reproduz pelos laços de ligação entre os lugares, situação na qual apesar de distantes de seu “território original”, os migrantes reivindicam a mesma identidade através de diversas práticas sociais que podem ser familiares, religiosas, memórias coletivas, etc.: “uma diáspora é uma construção comunitária e identitária particular, originada por diversos períodos de dispersão, ou por diferentes tipos de migração, e da combinação de múltiplas identidades, ligadas aos diferentes países de acolhida e de origem”<sup>10</sup> (BRUNEAU, 2009: p. 32).

Por outro lado, a partir dos anos 1970, como resultado das migrações internacionais de trabalhadores no pós 2ª Guerra Mundial, começaram a se desenhar situações que relacionavam a migração aos processos identitários, mas que não podiam ser reconhecidos por diásporas, posto que não configuravam espaços marcados por processos de extraterritorialidade. No bojo destas exigências conceituais é que nasceu o conceito de comunidade transnacional, segundo Bruneau (2009), para referir-se às comunidades compostas por indivíduos ou grupos estabelecidos em diferentes sociedades e que se organizam a partir de interesses comuns e que se apoiam em redes transnacionais para reforçar a solidariedade além de fronteiras nacionais.

Os esforços de pesquisadores dispostos a decifrar as dinâmicas e os processos de uma época regida pela lógica da mobilidade, levaram ao questionamento do conceito de migração e a construção de “novos” termos, com o intuito de superar as deficiências das abordagens explicativas do fenômeno migratório. Não é o caso, evidentemente, de considerar que toda migração é uma circulação, e nem que a mobilidade implique necessariamente em migração. O propósito desta discussão, que tentou apresentar e discutir conceitos fundamentais aos estudos migratórios contemporâneos, foi chamar a atenção para o leque de possibilidades analíticas que hoje se abrem aos pesquisadores da área. Se os conceitos são instrumentos heurísticos do fazer científico, possuem papel-chave nas análises e devem ser utilizados com base em critérios objetivos de adequação à realidade pesquisada. Ao mesmo tempo, um fenômeno migratório insere-se num quadro mais amplo, e somente o mapeamento de suas especificidades poderá explicá-lo.

<sup>10</sup> Tradução livre. No original: “Une diaspora est donc une construction communautaire et identitaire particulière, issue de plusieurs phases de dispersion, ou de différents types de migration, et de la combinaison des plusieurs identités, liées aux différents pays d'accueil d'origine différentes” (BRUNEAU, 2009: p. 32).



## Modalidades migratórias na era da mobilidade

Segundo Domenach e Picouet (1996), os deslocamentos ocorrem segundo modalidades migratórias específicas que dependem dos motivos e da duração dos deslocamentos e podem ser realizados pelo indivíduo ou por uma família. Para os autores, via de regra a causa da partida determina a forma que o deslocamento assume (no caso do êxodo rural, por exemplo, a migração tende a ser familiar e a afetar várias famílias de uma região, por outro lado, a migração motivada por trabalho ou estudo tende a ser uma experiência mais individualizada).

Até muito recentemente, a classificação dos migrantes era feita com base em tipologias simples, e segundo Domenach e Picouet (1996), os autores tentavam relacionar a mobilidade humana aos diversos modos de produção, construindo tipologias baseadas nas diferenças de estágios nos níveis de desenvolvimento econômico, sendo que a função dos movimentos populacionais era garantir o equilíbrio na oferta de trabalho entre outros.

No entanto, as novas mobilidades caracterizam-se por uma grande diversidade. Aos fatores que classicamente foram visto como motivadores de deslocamentos, como os fatores político-religiosos, econômicos e demográficos, somaram-se novas “lógicas migratórias”, culminando no aumento significativo dos fluxos internacionais (DUMONT, 2006). Como o panorama migratório alterou-se e os conceitos precisaram ser reformulados ou construídos, novas formas de tipificar e classificar os deslocamentos devem ser almejadas.

Para Wenden (2001) há atualmente novos fatores de atração e de esquemas migratórios. Não trata-se mais da antiga migração de trabalhadores, nem das “duplas migratórias” herdeiras de história colonial e de relações privilegiadas entre país de partida e de acolhida: assiste-se atualmente a uma diversificação crescente das áreas de partida, rumo a destinos sem laços aparentes. Este novo contexto da migração evidencia-se pela multiplicação dos fluxos existentes, bem como pela variedade dos modos de instalação, entre os quais, pode-se destacar: reagrupamento familiar, estudantes, trabalhadores qualificados e classes médias, fuga de cérebros, trabalhadores temporários, trabalhadores pendulares transnacionais, demandantes de asilo, indocumentados.

Para classificar estas formas de mobilidade internacional é possível basear-se em critérios variados, tais como: características socioeconômicas dos migrantes, situação jurídica do migrante na sociedade de acolhimento, duração e/ou a reversibilidade do deslocamento, entre outras. Assim como uma conceituação rígida de migração pode ser prejudicial para uma investigação, o delineamento de modalidades migratórias trará mais êxito para a pesquisa na medida em que satisfaça as exigências específicas do objeto, e isso ocorre quando a tipologia está mais adequada ao contexto estudado do que às exigências de um formalismo teórico rígido.

Domenach e Picouet (1996) insistem na face “moderna” do fenômeno migratório e é por isso que para estes autores sua análise deve ser plural, tanto quanto a teoria e a metodologia utilizadas. Estes autores propõem uma tipologia agregada da mobilidade, centrada no caráter da reversibilidade migratória. Esta perspectiva recupera a noção de residência base como um espaço de referência do indivíduo, subjacente aos seus deslocamentos, mas que é possivelmente múltiplo.

A residência base define-se então como um lugar ou um conjunto de lugares a partir dos quais os deslocamentos têm alta probabilidade de retorno, qualquer que seja a duração da estada (semana, meses, anos) durante a vida de um indivíduo. Quando a probabilidade de retorno diminui (noção de natureza distinta dependendo do país e dos contextos socioculturais), a

implantação da residência base muda e a natureza do deslocamento resulta então em uma migração (DOMENACH e PICOUET, 1996: p. 42)<sup>11</sup>.

Com base neste caráter do movimento, os fluxos podem ser irreversíveis ou reversíveis. Os primeiros são aqueles que configuram uma mudança de residência definitiva e sem ligação com a anterior. Estes podem ser forçados, provocados, voluntários ou itinerantes. Por outro lado, os fluxos reversíveis podem ser de longa duração, de reversibilidade renovada ou esporádica. Os critérios aqui utilizados pelos autores são a duração, o motivo e a periodicidade dos deslocamentos efetuados em relação a uma residência base (DOMENACH e PICOUET, 1996)<sup>12</sup>.

Para Wenden (2001) é possível construir tipologias com base na dimensão espacial, nas fronteiras, nas características socioeconômicas dos migrantes ou ainda a partir das lógicas migratórias (motivação econômica, demográfica ou política, por exemplo). Por outro lado, a investigação sobre a situação dos imigrantes e o relacionamento com a sociedade de acolhimento beneficiam-se de outros critérios distintivos como a situação jurídica dos migrantes: acesso à nacionalidade, estatuto de refugiado ou do reagrupamento familiar, indocumentado, etc. Outra possibilidade classificatória é usar como base a natureza dos fluxos: requisitantes de asilo, pessoas deslocadas, candidatos ao reagrupamento familiar, migração de negócios, migrações étnicas, movimentos transfronteiriços, nomadismo sazonal, movimentos pendulares (WENDEN, 2001).

Na época atual, engendram-se fluxos, modos de instalações e espaços de circulação com tal dinamismo que não é mais possível aceitar concepções muito rigorosas na análise da questão migratória. A dinâmica dos fluxos e as formas de instalação apresentam especificidades de acordo com o tipo de migrante, a modalidade da migração e a forma de inserção na sociedade receptora. As regras políticas, econômicas e sociais não são as mesmas para todos os perfis de migrantes, portanto, conseqüentemente as práticas e os mecanismos envolvidos no projeto e na realização da migração não serão idênticos. A observação de um fluxo migratório hoje pode mais facilmente resultar em uma análise fragmentada, incapaz de apreender o fenômeno em termos de sua totalidade, quando se ignora esse cenário. Assim como uma concepção muito restrita de migração significa a desconsideração de formas importantes de mobilidade, os critérios para tipificar os deslocamentos também precisam ser cuidadosamente selecionados com o intuito de minimizar os prejuízos analíticos.

A definição das modalidades migratórias precisa estar em sintonia com a particularidade do fenômeno a ser pesquisado, pois sua função é oferecer uma ferramenta à análise, não deve ser concebida para ser abstrata, nem universal: o valor explicativo da tipologia adotada deve fazer face ao contexto investigado. Frente ao fenômeno da globalização, os tipos de modalidades migratórias devem ser capazes de diferenciar as formas, os fatores e os objetivos das mobilidades de forma a contemplar a multiplicidade dos deslocamentos.

O argumento central da reflexão proposta é que a compreensão das migrações internacionais contemporâneas exige a contextualização do fenômeno investigado, do ponto de vista da origem, do destino e da sustentação dos fluxos, bem como dos agentes envolvidos. Essa

<sup>11</sup> Tradução livre com base na versão espanhola do texto: "La residencia-base se define entonces como un lugar o un conjunto de lugares, a partir de los cuales los desplazamientos tienen alta probabilidad de retorno, cualquiera sea la duración de la estadia (semanas, meses, años) durante la vida de un individuo. Cuando la probabilidad de retorno disminuye (noción de naturaleza muy diferente según los países y los contextos socioculturales), la implantación de la residencia base cambia y la naturaleza del desplazamiento resulta entonces una migración" (DOMENACH e PICOUET, 1996: p. 42)

<sup>12</sup> De acordo com os autores, os fluxos de longa duração associam-se às necessidades de reprodução social e são via de regra migrações de trabalhadores, caso no qual apesar da integração, o objetivo de retorno é sempre forte, através da importância que as remessas assumem. Os fluxos de reversibilidade renovada, por outro lado, têm em comum um trajeto constante para destinos específicos, fluxos que se apoiam em redes de migrantes bem organizadas e o espaço de residência base pode ser ampliado, pela criação de espaços bipolarizados. Por último, os fluxos de reversibilidade esporádica são mais instáveis no tempo e no espaço, dependem de desequilíbrios no mercado de trabalho, de grandes projetos de infraestrutura, casos nos quais novas redes se instituem.

“empreitada” não pode ser conduzida sem o reconhecimento da diversidade dos deslocamentos e dos tipos de migrantes. Assumindo esta perspectiva, a investigação demanda uma reflexão sobre o que é migração e quem é o migrante na sociedade de acolhimento, contemplando nesta abordagem a diversidade das modalidades de migração e de circulação no fluxo pesquisado. Independentemente do referencial adotado em cada pesquisa, o importante é que o modelo teórico “prove” sua capacidade de compreender o fenômeno, tarefa mais facilmente realizável quando a teoria e os conceitos utilizados estão em consonância com o contexto e com o fluxo pesquisado.

## Referências

- ALEXANDER, J. C. “O novo movimento teórico”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 4, vol. 2, 1987.
- BRETTELL, C. B. e HOLLIFIELD, J. F. “Migration theory”. In: BRETTELL, C. B. e HOLLIFIELD, J. F. (orgs.) *Migration theory: talking across disciplines*. New York: Routledge, 2000.
- BOURDIEU, P. “Espaço social e gênese das classes”. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil & Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, P. “Os três estados do capital cultural”. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRUNEAU, M. “Pour une approche de la territorialité dans la migration internationale: les notions de diaspora et de communauté transnationale”. In: CORTÈS, G. e FARET, L. (orgs) *Les circulations transnationales: lire les turbulences migratoires contemporaines*. Paris: Armand Colin, 2009.
- CORTÈS, G. e FARET, L. “La circulation migratoire dans l’ordre des mobilités”. In: CORTÈS, G. e FARET, L. (orgs) *Les circulations transnationales: lire les turbulences migratoires contemporaines*. Paris: Armand Colin, 2009.
- COURGEAU, D. *Methodes de mesure de la mobilité spatiale: migrations internes, mobilité temporaire, navettes*. Paris: Editions de l’Institut national d’études démographiques, 1988.
- DEGENNE, A. “Sur les réseaux de sociabilité”. *Revue Française de Sociologie*. Vol. 24, nº 1, 1983. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3321788>> acesso em 11/01/2011.
- DIMINESCU, D. “Le migrant dans un système global de mobilités”. In: CORTÈS, G. e FARET, L. (orgs) *Les circulations transnationales: lire les turbulences migratoires contemporaines*. Paris: Armand Colin, 2009.
- DOMENACH, H. e PICOUET, M. “El caracter de reversibilidad en el estudio de la migracion.” *Notas de población*, nº 49, 1990.
- DOMENACH, H. e PICOUET, M. *Las migraciones*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 1996.
- DUMONT, G. “Les nouvelles logiques migratoires au XXIe siècle”. *Outre-Terre*, nº 17, 2006. Disponível em: <[www.cairn.info/revue-outre-terre-2006-4-page-15.htm](http://www.cairn.info/revue-outre-terre-2006-4-page-15.htm)>. Acesso em: 18/07/2011.
- EREL, Umut. “Migrating Cultural Capital: Bourdieu in Migration Studies”. *Sociology*, Vol. 44, nº 4, 2010. Disponível em: <<http://soc.sagepub.com/content/44/4/642>> acesso em 11/01/2011.
- FAIST, T. *The volume and dynamics of international migrations and transnational social spaces*. New York: Oxford University Press, 2000.
- GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L. e BLANC, C. “From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration”. *Anthropological Quarterly*, Vol. 68, No. 1, 1995. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3317464>>. Acessado em: 02/05/2011.
- LEE, E. S. “Uma teoria sobre a migração”. In: MOURA, H. A. de (Coord.). *Migrações internas: textos escolhidos*. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980.
- MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva” In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

- MASSEY, D. et al. *Return to Aztlan: the social process of international migration from western Mexico*. Los Angeles: University of California Press, 1987.
- MASSEY, D. et al. "New migrations, new theories" In: *Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium*. New York: Oxford University Press, 1998.
- PATARRA, N. "Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais". *Estudos Avançados*, vol. 20, n. 57, Mai/Ago 2006.
- PORTES, A. *Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação*. Oeiras: Celta, 1999.
- RYAN, L. et al. "Social Networks, Social Support and Social Capital: The Experiences of Recent Polish Migrants in London". *Sociology*, vol. 42, n° 4, 2008. Disponível em: <<http://soc.sagepub.com/content/42/4/672>> acesso em 11/01/2011.
- SALES, T. "Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações de pesquisa". *Revista Brasileira de Estudos de População*. Campinas, v. 9, n. 1, jan/jul, 1992.
- SASSEN, S. *La movilidad del trabajo y del capital*. Madri: Ministério de Trabajo y Seguridad Social, 1993.
- SASSEN, S. *Sociologia da globalização*. Porto Alegre. Editora Artmed. 2010.
- SAYAD, A. *A imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.
- SCHAEFFER, F. "La circulation migratoire, révélatrice de la structuration sociospatiale du champ migratoire marocain". In: CORTÈS, G. e FARET, L. (orgs) *Les circulations transnationales: lire les turbulences migratoires contemporaines*. Paris: Armand Colin, 2009.
- SIMON, G. "Penser globalement les migrations". *Projet*, n° 272, 2002. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-projet-2002-4-page-37.htm>>. Acesso em: 18/07/2011.
- SINGER, P. "Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo". In: *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- SOARES, W. "Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional". *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v. 21, n. 1, jan/jun, 2004.
- TARRIUS, A. "Territoires circulatoires et espaces urbains: différenciation des groupes migrants". *Annales de la Recherche Urbaine*. n° 59-60, 1996. Disponível em: <<http://libertaire.free.fr/Tgv03.html>>. Acesso em: 20/04/2011.
- WEBER, Max. "A 'objetividade' do conhecimento nas Ciências Sociais". In: COHN, Gabriel. (org) *Max Weber*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- WENDEN, Catherine Wihtol de. "Un essai de typologie des nouvelles mobilités". *Hommes & migration*, n° 1233, 2001.